

**“SÃO PAULO EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E REELABORAÇÃO CULTURAL:
URBANIZAÇÃO, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO”**

Paulo Koguruma.

Doutor pelo Departamento de História da FFLCH/USP.

Por volta do dia 08 de dezembro, milhares de pessoas, de variadas origens étnicas, dirigem-se da cidade de São Paulo a Baixada Santista para cultuar *Iemanjá*, *Senhora dos Mares*, *Orixá* de *Umbanda*. Nas cerimônias de devoção a essa *Orixá* - em que se podem notar interpenetrações de elementos culturais procedentes de diversas regiões da África, assim como de elementos culturais europeus e indígenas igualmente interpenetrados e diversificados - o ambiente profano das praias transforma-se num extenso espaço de caráter mágico-religioso, onde as tensões coletivas e individuais que perpassam o dia-a-dia de muitos moradores de S. Paulo podem ser *descarregadas*, através das oferendas deixadas nas águas do mar. Essa presença das manifestações afro-brasileiras no ambiente cosmopolita da urbe - que expressam identidades e esperanças, já que os terreiros umbandistas comportam redes de sociabilidade, construídas sobre relações de vizinhança, compadrio ou parentesco - permite que se tome consciência da historicidade que marca o diversificado constituir da sociedade brasileira, pois o sincretismo e a improvisação foram aspectos intrínsecos da escravidão, continuamente abastecida pelo tráfico, ao longo de três séculos do maior e mais cruel processo migratório de toda história. Em sua diáspora, os negros africanos, em sua diversidade, foram fonte quase que exclusiva do trabalho na modificação da paisagem das terras americanas e brasileiras, seja na formação das fazendas monocultoras, dos extensos rebanhos, na extração dos minérios, nas roças de subsistência, bem como, no levantar das edificações e do abastecimento e comércio das cidades ¹, necessitando-se, portanto, compreender melhor a história das diversas regiões de onde provinham os escravos e as especificidades étnicas das populações africanas, como bem assinalava, desde a década de 1940, C. Prado Jr.

Embora muito já se tenha feito, resta por fazer uma maior aproximação com a história e a historiografia da África, cujo conhecimento pode nos auxiliar a compreender e explicar melhor as negociações, acomodações e resistências dos africanos no Brasil, assim como as especificidades das comunidades de afro-descendentes, de ontem e de hoje, libertando-nos de preconceitos arraigados, contribuindo, desse modo, para extirpar o racismo do seio de nossa sociedade ². Para o avanço dessas lutas e da historiografia brasileira é importante considerar as diversas contribuições dos diferentes grupos étnicos de africanos que aqui aportaram. Sejam elas demográficas, técnicas, materiais ou culturais. Muitos aspectos dessa presença da África no Brasil foram bastante negligenciados devido à própria problemática dos mitos que naturalizam a “inferioridade racial” e a invenção do “ser negro” em nossa sociedade e a partir das condições de desclassificação dos negros livres que se configurou nos estertores do regime escravocrata, momento em que os ex-escravos acabavam “por se confundir com as bordas do mundo marginal que não lhe oferecia melhores opções, além do servilismo e de atividades esporádicas”. Após a Abolição, essa confusão se acentuaria e a presença histórica de elementos relacionados as matrizes sociais e culturais de origem africana em solo brasileiro se constituiria num sintoma do “atraso” da Nação. Se alguns sentidos desses mitos podem ser remetidos aos meados do século XIX, ao momento em que se aguçaram as revoltas de escravos e as fugas, é mais interessante, neste texto, notar como eles atravessaram todo período republicano e chegaram aos nossos dias, como atestam palavras preconceituosas de um jornal paulistano sobre as práticas e crenças afro-brasileiras, apontando, em momentos diferentes, distanciados no tempo e no espaço, para desclassificação da população de origem negra e para a sutileza da discriminação racial, bem como, da configuração do racismo no Brasil, em que mesmo episódios de discriminação racial, noticiados pela imprensa com grande repercussão, acabam por encontrar quem os mitigue. Grande parte dessa configuração é tributária da difusão das teorias raciais “científicas”, forjadas na Europa a partir do pensamento ilustrado, tal como em Voltaire, Diderot, Hegel, Gobineau, Le Bon e Agassiz, em estreita relação com as noções de ordem e de progresso ³, que permearam o

pensamento dos intelectuais e cientistas brasileiros entre os anos de 1870 e 1930, tal como em Lacerda, Romero, N. Rodrigues ou Von Ihering. Essas teorias raciais, incensadas pelas noções de ordem, progresso, civilização e modernidade, estabelecidas pela ordem e moral burguesas européias, procuravam hierarquizar as diferentes nações e povos do planeta, naturalmente, apregoando a superioridade da “raça” branca. Em busca de um “embranquecimento” da nação, de uma “desafricanização” da população brasileira, tais teorias incidiram sobre a disciplinarização dos setores sociais subalternos no período da *Belle Époque*, reforçando antigos preconceitos, tais como, a associação das práticas maléficas de feitiçaria e “magia negra” aos negros africanos, aguçando, desse modo, a estigmatização das populações afro-descendentes, bem como, as tendências para sua exclusão social na nascente República.

Nesse contexto, as crenças afro-brasileiras foram reelaboradas. Em São Paulo, essa reelaboração ocorreu em meio às experiências vividas no cotidiano de uma urbanização acelerada, cercadas pelas tendências repressivas que diziam respeito ao controle social da população, à disciplina cotidiana das ruas, à normalização dos comportamentos das comunidades e ao adestramento dos indivíduos para o trabalho, nos moldes da moderna civilização dos países capitalistas do continente europeu. Tal reelaboração processou-se em concomitância com outras transformações que ocorriam, ao sabor das temporalidades e ritmos da expansão capitalista por toda parte, tais como, a modernização do complexo agrário-exportador, a mudança da fisionomia das paisagens dos entornos de São Paulo, a multiplicação das ferrovias e casebres nas várzeas dos rios, como o Tietê, as alterações da fauna e da flora pela ocupação dinâmica das periferias, o crescimento e adensamento populacional ditados pela imigração e migração em massa, com presença de diversas nacionalidades e etnias; ou, ainda, de processos culturais e ideológicos como a romanização de Igreja Católica, a construção das identidades regionais e da identidade nacional, bem como, as assimetrias na formação nossas cidadanias, destacando-se, neles, o surgimento de hierarquias construídas em torno dos valores tradicionais, que, ainda hoje, marcam nossa sociedade, levando-nos a perguntar qual o caráter da modernização e

modernidade republicana⁴. Na moderna Babel, circulavam pelas ruas, cada vez mais, novos habitantes, transformando o cenário urbano em um espaço cosmopolita povoado por novos personagens sociais diferenciados, tais como os operários, imigrantes, os ex-escravos. Tratava-se da configuração de uma paisagem marcada pelo tumultuário e pelo movediço, onde se podia notar a frenética a movimentação dos indivíduos pertencentes à população pobre em busca de sua sobrevivência diária. Esses milhares de indivíduos que chegavam a São Paulo, juntamente com ex-escravos e pobres que lhes precederam, eram percebidos pelas elites dominantes paulistanas como “selvagens”, “incivilizados”, “ignorantes” e “atrasados”, quer em função dos preconceitos que faziam parte do imaginário das elites paulistanas, quer por conta dos seus ritmos de vida e de trabalho diversificados, tais como se nota nas memórias e crônicas de J. Americano, J. Penteado, A. de Freitas e P. C. de Moura ou, mesmo, em notícias da grande imprensa como o *C. Paulistano* e *OESP*. Todavia, face aos preconceitos raciais das elites dominantes, foi sobre as pessoas da raça negra e as mestiças que incidiram os esforços mais intensos e as diversas “estratégias” de normalização e disciplinarização preconizadas pelos diversos saberes à disposição daqueles que deveriam administrar a cidade. As concepções do negro e de sua cultura como ameaças à ordem social, surgidas nos estertores do regime escravocrata consolidavam-se. Na República, continuou-se a propagar imagens preconceituosas dos negros, das suas formas de sociabilidade, das matrizes culturais de origem africana. Imagens negativas quanto à presença de uma população negra e mestiça no Brasil perpassaram fortemente as atitudes e comportamentos das elites e mesmo de certos grupos subalternos da sociedade, favorecendo a consolidação e a perpetuação das tendências de uma política de exclusão dos negros, vedando-lhes participação na nova sociedade emergente, ao mesmo tempo em que se acentuavam os dispositivos repressivos sobre eles, enfim, sobre suas práticas cotidianas e suas crenças “ancestrais”.

As questões raciais e culturais referentes à presença da população negra e mestiça em solo brasileiro imiscuíam-se nos assuntos referentes aos “projetos” dos setores dominantes quanto à constituição de uma sociedade civilizada no Brasil. No elaborar do imaginário

social, consideravam-se ameaçadores os encontros religiosos existentes entre os diversos grupos das classes subalternas da população paulistana, como se pode notar nas crônicas de S. Floreal, em especial, as associações e reuniões religiosas dos antigos escravos e de seus descendentes. Para as elites dominantes era: atemorizante a situação de haver formas societárias nestes encontros, propiciando a reunião de negros e a construção e propagação de um tipo de conhecimento que escapa ao controle da sociedade dominante, uma vez que os negros não estão mais integrados à rigidez de um sistema estruturado, passando a ser considerados uma ameaça social ⁵. Se as referências dos jornais paulistanos apontam majoritariamente para práticas mágico-religiosas de origem européia afeita a imigrantes de nacionalidades diversas, nota-se, também, referências aos ex-escravos e seus descendentes, praticando seus rituais, ainda que interpenetrados pelas práticas espíritas, que se propagaram no Brasil a partir da 2ª metade do século XIX, e pelas magias européias relacionadas aos sortilégios e feitiçarias datadas da América Portuguesa, descritas nos autos de Visitação do Santo Ofício. As práticas do “baixo espiritismo” eram condenáveis ao olhar das elites paulistanas. O Código de Posturas de Municipal de 1886 já manifestava o desejo das elites em proibir as práticas relacionadas à vida das comunidades negras, pois as quitandeiras deviam sair das ruas e esquinas porque atrapalhavam o trânsito; os mercados existentes precisavam ser transferidos das áreas centrais para periferia porque afrontavam os padrões culturais modernos e os pais-de-santo deveriam ser perseguidos por exercer as atividades supersticiosas. Impunham-se os parâmetros de ordem e progresso através da paulatina institucionalização, entre outros saberes, de um conhecimento médico-científico que condenava os valores e práticas culturais da população pobre, especialmente, em função aos preconceitos, as práticas e crenças dos ex-escravos. Tratava-se de formas de disciplinarização da população pobre que lançava seus tentáculos sobre as práticas e crenças de diferentes grupos de atores sociais. Decretava-se uma verdadeira “*guerra santa*” contra os curandeiros, rezadores e feiticeiros, contra aqueles que detinham o conhecimento dos saberes e das práticas mágicas, terapêuticas e religiosas tradicionais, construídos em meio às contingências históricas da formação da sociedade brasileira ou daqueles

imigrantes que chegavam do exterior trazendo as bagagens socioculturais de seus locais de origem. As práticas e crenças afro-brasileiras eram parte integrante das tensões que surgiam numa São Paulo que se queria cosmopolita. Elas faziam parte de um tenso processo de urbanização que, em pleno apogeu da *Belle Époque* e da hegemonia da burguesia do café, mantinha as suas ruas “agitadas pela presença ostensiva dos trabalhadores temporários, circulando valores e tradições culturais de origem europeia num meio urbano que antes vivia saturado de usos africanos e tradições caipiras”. A “Metrópole do Café” apresentava, assim, simultaneamente, uma fisionomia cosmopolitizada e provinciana, em que as práticas e crenças afro-brasileiras faziam parte da constituição de uma paisagem urbana tumultuária e caótica, pois “na medida do esforço concentrado das elites recém-fortalecidas, aspectos europeizados e modernizantes passaram a alternar-se com traços rurais”. Face aos preconceitos raciais, as maiores pechas caíram sobre as práticas e crenças dos negros. Na São Paulo cosmopolita e tumultuária prevaleceram hierarquias construídas sobre os preconceitos raciais. Assim, nota-se a exclusão social da população negra, esquecida nos desvãos da cidade. Nas palavras de um jornal da época, eles sumiriam, pois que iam “*morrendo aos poucos - sacrificados pela própria liberdade que não souberam gosar, recosidos pelo álcool e estertorando nas angustias do brightismo que os dizima, eliminados pela elaboração anthropologica da nova raça paulista*”⁶. Todavia, esse não foi seu canto de morte, já que São Paulo não “embranqueceu”, mas, ao contrário “africanizou-se”, comportando novos quilombos e Zumbis, como provam, ainda hoje, os milhares de adeptos umbandistas que descem para as praias para prestar sua devoção à *Iemanjá, Sereia do Mar, Orixá de Umbanda*, mesmo que não sejam, exclusivamente, afro-descendentes. *Saravá! Quem é da Calunga, Sarava! Quem é da Macumba. Saravá! Orixá!*

¹ KOGURUMA, P. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na 'metrópole do café', 1890-1920*. S.Paulo: Annablume/FAPESP, 2001. p.p. 23-24. CASCUDO, L. C. *Made in África*. 5ª ed. S. Paulo: Global. 2001, *Sereias de Angola*. p.p. 18-24. NEGRÃO, L. N. *Magia e religião na Umbanda*. In: Revista da USP – Dossiê Magia, CCS/USP, 1996. p.p 88, 89. DIAS, M. O. L. da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, 2ª. Ed. S.Paulo: Brasiliense, 1995. p.p. 160. Em São Paulo, desde finais do século XVIII, ficou famoso o negro Tebas, que, com sua habilidade de “faz tudo”, deixou seu nome ligado às edificações e chafarizes. Tal como as quituteiras Nhá Maria Café e Maria Punga, ele figura em crônicas e memórias de, entre outros, MOURA. P. C. de. *São Paulo de outrora (evocações da metrópole)*, S. Paulo / B. Horizonte:

EDUSP/Itatiaia, 1980. p. p. 36, 47. FREITAS, Afonso A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas*, 2ª. S. Paulo, L. Martins Ed. 1955. p.p. 59-60.

² PRADO JR. C. *Formação do Brasil contemporâneo*. 21ª edição. S. Paulo: Brasiliense, 1989. p.p. 85,86,106-115. Em referências nas obras que versam sobre a formação da sociedade brasileira, a diáspora africana, o tráfico de escravos e o cotidiano da escravidão, e naquelas que versam sobre a história africana; tais como, entre outras, DIAS, M. O. L. da S. op. cit. WISSENBACH, M. C. C., *Sonhos Africanos, Vivências Ladinhas. Escravos e forros no Município de São Paulo, 1850-1880*. S. Paulo: Editora HUCITEC/HISTORIA SOCIAL USP. 1998. SOUZA, M. de M. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação do Rei Congo*. B. Horizonte: Ed. da UFMG, 2002. MACHADO, M. H. *O plano e o pânico: movimentos sociais na década da abolição*. R. Janeiro: Ed. UFRJ, EUSP, 1994. SLENES, R. *Malungo n'goma: África coberta e descoberta no Brasil*. In: Revista da USP - Dossiê 500 anos de América. S Paulo: CCS/USP, 1992. p.p. 48-67. BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 3ª ed. S. Paulo: L. Pioneira Ed., 1989. RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. 7ª ed. Brasília: Ed. Nacional/Ed. da UNB, 1988. VERGER, P. *Fluxo e refluxo de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. S. Paulo: Corrupio, 1987. MATTOSO, K. de Q. *Ser escravo no Brasil*. 3ª ed. S. Paulo: Brasiliense, 1990. REIS, J. J. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. Ed. R. e Ampliada. S. Paulo: C. das Letras, 2003. ALENCASTRO, L. F. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul dos séculos XVI e XVII*. S. Paulo: C. das Letras, 2000. KARASCH, M. *Slave life in Rio de Janeiro, 1800-1850*. Princeton: Princeton U. Press, 1987. CASTRO, H. M. M. de. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista- Brasil séc. XIX*. R. Janeiro: A Nacional, 1995. SILVA, A. da C. e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. R. Janeiro: Nova Fronteira; S. Paulo: EDUSP, 1992. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Nova Fronteira: F. da B. Nacional, 2002.

³ RISÉRIO, A. *Black out – A exclusão do texto africano*. In: Revista USP - Dossiê África/Brasil, nº 18, S Paulo: CCS/USP, junho/julho/Agosto 1993. p.p. 114-121. SCHWARCZ, L. M. *Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.p. 99-245. SANTOS, G. A. dos. *A invenção do "ser negro": um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros*. São Paulo: EDUC/FAPESP; R. Janeiro: Pallas, 2002. p.p. 119-132. CARNEIRO, M. L. T. *Negros, Loucos Negros*. In: Revista USP - Dossiê África/Brasil, nº 18, op. cit. p. 147. CHOMSKY, Noan. *Ano 501: a conquista continua*. S. Paulo: Ed. Página Aberta, 1993, p. 13. KOGURUMA, P. op. cit. p.p. 36-41, 80-145. IANNI, O. *Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil*. Entrevista. In: *Estudos Avançados 50*. S. Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, Volume 18, Nº 50, Janeiro/Abril 2004. p.p.14,15. SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*, São Paulo, SP: C. das Letras, 1993, p.p. 241, 242.

⁴ SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 3ª Ed., S. Paulo: Brasiliense, 1989. PINTO, M Inez M. B. *Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo, 1890 a 1914*, S. Paulo: EDUSP, 1994. *Encantos e dissonâncias da modernidade: urbanização, cinema e literatura*. S. Paulo: T. Livre Docência, DH, FFLCH/USP, 2002. KOGURUMA, P. *O cosmopolitismo e o imaginário da modernidade na Metrópole do Café, 1890-1920*. S. Paulo: T. Doutorado DH, FFLCH/USP. 2003. CARVALHO, R. L. P. de. *Ritmos e impressões modernidade e cosmopolitismo em São Paulo, 1899-1920*. S. Paulo: D. Mestrado, DH, FFLCH/USP, 2003. JORGE, J. *O rio que a cidade perdeu: o Tiête e os moradores de S. Paulo, 1890-1940*. S. Paulo: T. Doutorado. DH/FFLCH/USP, 2004. MAHL, M. L. *Teorias raciais e interpretação histórica: o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. (1894-1940)*, Assis: D. Mestrado. DH/UNESP/ASSIS, 2001. CARVALHO, J. M. de: *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. B. Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.p. 107-127, 273-288, 307-309. PINTO, M. Inez M. B. *Urbanização contraditória: o mito tecnizado e o viver de expedientes*. In: *Anais Encontros com a História* nº 02, 14, ANPUH, PUC-SP, p.p. 20-27. *A reinvenção das tradições no cenário da modernidade*. In: ArtCultura, n. 9 – Dossiê História e Música. Uberlândia: IH, UFU, jul.-dez. 2004. p. p. 141, 148-150. SOUZA, J. C. de. *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá passagem do século XIX para o XX*. In: RBH. *Produção e divulgação de saberes históricos pedagógicos*. v. 24. nº 48 S. Paulo: ANPUH, 2004, p.p. 331-351.

⁵ AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*, S. Paulo: Ed. Saraiva, 1957, p.370. PENTEADO, J. *Belenzinho, 1910 (Retrato de uma época)*. S. Paulo: L. Martins Ed. 1962, p.p. 215-218. FREITAS, A. A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. B. Horizonte: Ed. Itatiaia; S. Paulo: EDUSP, reed. 1985. p.p. 72, 73, n. rodapé. MOURA, P. C. de. *São Paulo de outrora (evocações da metrópole)*, S. Paulo / B. Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1980. p.p. 80-82. PINTO, M. Inez M B. op. cit. cap. 3, .p. 108 a 227. KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do Imaginário*. op. cit. p.p. 121-125,137-138, 142-143. FLOREAL, S. *Ronda da Meia-Noite, Vícios, Misérias e Splendores da Cidade de São Paulo*, S. Paulo: T. Cupolo, 1925. p.p. 138, 142-143. TRINDADE L. M. S. *Construções míticas e História: estudos sobre as representações simbólicas e relações raciais em São Paulo do século XVIII à Atualidade* São Paulo, 1991, S. Paulo: T. Livre Docência, DA/FFLCH/USP, 1991, p.p. 71-75.

⁶ KOGURUMA, P. *Conflitos...* op. cit. p.p. 137-139, 211,212-215, 224-226, 243-259, NEGRÃO L. N. op. cit. p. 78. MEYER, M. *Maria Padilha e toda a sua quadrilha: de amante de um rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda*, S. Paulo: Duas Cidades, 1993, p.p. 29, 30. SOUZA, L. de M e. *O diabo na terra de Santa Cruz - feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, 2ª Ed. S. Paulo: C das Letras, 1989.ROLNIK, R. *Territórios negros em São Paulo*, F de São Paulo, em 28.09.86. MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985, p. p. 34, 35. RAGO, L M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 -1930*, 2ª Ed., R: Paz e Terra, 1985. p. 17. DIAS, M. O. L. da. *Prefácio*. In: PINTO, M. Inez M. B. *Cotidiano e Sobrevivência...*op. cit. p. p.19, 25. *Correio Paulistano*, em 09.10.1907.